

PSICANÁLISE

Walter Trinca

O êxtase das coisas

O destino imaterial do mundo real

Blucher

O ÊXTASE DAS COISAS

O destino imaterial do mundo real

Walter Trinca

O êxtase das coisas: o destino imaterial do mundo real

© 2023 Walter Trinca

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Addressa Lira

Produção editorial Thaís Pereira

Preparação de texto Alessandra de Proença

Diagramação Guilherme Salvador

Revisão de texto Regiane da Silva Miyashiro

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Lady Hamilton as Circe, George Romney (c.1782)

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Trinca, Walter

O êxtase das coisas : o destino imaterial do mundo real / Walter Trinca. – São Paulo : Blucher, 2023.

264 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-672-2

1. Psicanálise I. Título

23-4169

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prólogo	11
Parte I – O sorriso da existência	
1. Um mundo vivo	21
2. A radiância do mundo	25
3. O alcance da harmonia	29
4. A transfiguração da natureza	37
5. As cintilâncias da infinitude	43
6. A totalidade da existência	47
7. O assombroso desconhecido	51
Parte II – O espantoso pulsar de vida	
8. O ser do ser vivo	59
9. O ser do ser humano	65
10. A natureza não sensorial do ser interior	71

- 11. A abertura ao mundo 77
- 12. A metáfora dos sonhos 81
- 13. As imagens mentais espontâneas 87

Parte III – A fantástica constituição da mente

- 14. O ser interior, o *self* e a questão do contato 95
- 15. O lado obscuro, destrutivo e caótico 103
- 16. A bela regularidade do conjunto 109
- 17. O êxtase na harmonização 123

Parte IV – A mente em expansão

- 18. A criatividade inconsciente 131
- 19. A expansão de consciência 139
- 20. Ao encontro da imaterialidade do mundo 145
- 21. Clareza e distinção no *self* 151

Parte V – Fora do tempo: a pura existência

- 22. Tempo e silêncio 159
- 23. Tempo, cultura e memória 163
- 24. A apreensão da atemporalidade 169
- 25. O ser humano de sempre 175

Parte VI – A ordem da natureza

- 26. A ordem estrutural 183
- 27. A ordem evolutiva 187
- 28. As culminâncias da boa forma 195

29. A ordem imaterial	199
30. A ordem da natureza e a transdisciplinaridade	205

Parte VII – A mente e o mundo

31. A arte interior	221
32. A realidade como tal	227
33. O êxtase humano: o ser e a alegria	239

Epílogo

Conclusões	247
Referências	253
Créditos bibliográficos	259
Sobre o autor	261

1. Um mundo vivo

O que há de aparentemente mais comum e trivial não deixa de ser ao mesmo tempo um milagre: a existência da vida. Esse fenômeno colossal e espantoso está em nós, ao nosso derredor e por toda parte, impactando a nossa compreensão. Para isso, faz-se necessário o contato com a vida plena de vibrações. Se bem percebidos, um bosque, um simples galho, as folhas das árvores, as flores, os pássaros são cheios de vida. Um frescor, um perfume, um movimento inefável indicam o fenômeno profundo da vida que, como a totalidade, nos escapa. Buscamos nela os sentidos, enquanto ela brinca saltitante conosco, em sua fugacidade arredia e em sua permanência eterna. Nossa intimidade com ela permite-nos vivê-la e amá-la. Havendo o sentimento de sua presença, ela nos impressiona por seus encantos. Fundamental, portanto, é a vida interior que percebe a presença de vida exterior.

Daqui se segue o florescimento dos seres nos sopros indescritíveis dos movimentos vivos. Por vezes, são movimentos sutis, quase voláteis, como podemos perceber, por exemplo, na árvore recém-coberta de vida nova, na leveza e no deslizamento de suas

folhas tenras e macias. Miríades de manifestações flutuantes animam os seres da natureza entumecidos de vida. A propriedade etérea que está neles mostra o grau de fineza alcançado pela mobilidade da vida, que de muitas maneiras exprime alegria. A mobilidade é por vezes tão sofisticada e sublime que jamais teria sido atingida senão por alegria. Faz pensar que vida e alegria são, em essência, uma só e a mesma coisa quando a expressão de vida se realiza em alta mobilidade. Nesse caso, alcança a imaterialidade do fenômeno vivo em sua pujança.

Para nós, o contato com a natureza móvel, volátil e etérea da vida em sua imaterialidade intrínseca é uma porta de entrada para a percepção e o acolhimento da imaterialidade que existe no mundo. Nosso olhar se ergue à contemplação da imaterialidade da vida, que se espalha e viceja sem cessar, de modo indomável e incompreensível, instigando nossa admiração, despertando e animando nosso amor sagrado e profano. A finura da mobilidade imaterial realiza sua obra por fugidia evanescência que, no entanto, é o próprio êxtase das coisas em suas expressões aprimoradas. Importa, pois, apreender a linguagem da natureza, que comunica sua essência íntima. Uma apreensão que independe de nossas formulações prévias. Devemos, se possível, eliminar as próprias conceituações, anteriores às percepções diretas, deixando espaço para a surpresa.

Expressa-se no ser humano e na natureza a vida criadora, tomada em sentido geral. Ela pertence ao todo e tem suas raízes cravadas no todo. A força de vida que está no cosmo está em nós também vinculada à existência. Ela é a vida do nosso ser, por intermédio da qual participamos das raízes universais. No ser de cada indivíduo está o compartilhamento em comum do fenômeno vivo. Cada ser vivo do Universo, ao receber o dom da vida, recebe o que essencialmente necessita, que lhe vem justamente sob a forma de ser, livrando-o da inexistência. Ele passa a ser nicho de gestação e de florescimento de algo universal. O centro do Universo está na vida, sendo esta

particularizada na vida do ser, cuja lei geral é o querer-viver. Este não se dissocia daquele e não existe sem aquele, por isso o propósito mais elementar de todo ser vivo é a preservação de sua existência, lutando contra as forças que se lhe opõem. Quando o princípio de vida se utiliza de todos os recursos para vingar e desabrochar, a existência do ser em plenitude tende à alegria.

Isso significa que o querer-viver universal não é essencialmente uma força negativa. Ao contrário, tudo leva a compreender a vida como uma dádiva, como um bem. Ao ser lançado na vida e ao haver-se com o viver, a ligação com ela e a perspectiva do todo fazem diminuir ou cessar a negatividade das oposições. A própria vinculação entre ter vida e sua consciência de ser vivo tende a estabelecer a predominância do ser em sua mobilidade e realização. Daqui, o mundo pode se vivificar, tornando-se para nós o que ele é. Não o estranhamos nem o achamos indiferente quando se revela em seu pulsar. A simples brisa matinal, roçando a superfície das árvores ensolaradas na manhã serena, desperta-nos de nossa letargia. A vida mostra-se esplêndida na mata que acolhe o vento, fazendo frigrir as folhas e lançar um leve perfume no ar. Não é essa a razão de a vida se comparar a um sopro? Ela se constitui das condições que encontra, mas, em princípio, “vibra” qual uma sinfonia que, enquanto dura, gera acordes harmoniosos e clama por infinitude. Uma sinfonia que suplanta todo horror, toda destrutividade e toda miséria, fazendo sentir que existir é mais importante que inexistir, e que viver é mais importante que eliminar a vida.

Em seu trabalho clínico, o psicanalista reconhece o valor inestimável da vida, principalmente quando se defronta com a possibilidade de sua extinção. Os sentidos dos fenômenos da vida tendem a transformar-se em criação nos momentos em que o desencanto e a inutilidade das coisas surgem como desafios, afinal, a perturbação pode ser marca de algo que está para se criar. Diante da derrota e do desespero, que frequentemente os pacientes lhe comunicam, resta

ao psicanalista a alternativa do encontro profundo de seu ser na experiência de viver. É como se ele tivesse sido preparado pela vida durante milhões de anos, e ela agora se apresenta na fragrância de seus mistérios. Desse modo, dá-se o embate da vida contra a morte. Sendo uma ligação profunda entre o ser humano e o mundo, como força que irradia e constrói, impulsiona e realiza, cria e desenvolve, a vida é por si mesma magnífica, inexprimível, sagrada e infinita.

2. A radiância do mundo

A natureza consegue mostrar-se diretamente à nossa sintonia fina por meio de formas harmoniosas, cores esplendorosas, movimentos graciosos, brilhos cintilantes e tudo quanto possa nos encantar por beleza, graça e vigor. A radiância do mundo está tanto numa simples gota de orvalho, quanto na fantástica magia das esferas celestes. Por tudo podemos encontrar aquilo que nos enleva, pois o mundo se repleta de maravilhas dispersas ou concentradas, próximas ou distantes. Vivemos num mundo chapinhado de surpresas, ainda que sejamos indiferentes ao passar por muitas delas. Saberíamos nos emocionar com o brilho do sol nas flores, a luz do luar refletida nas águas, as formas recurvas dos galhos nos bosques, as combinações inesperadas das plantas nos jardins, a vivacidade arrebatadora das estrelas na madrugada enegrecida? Não precisamos nos esforçar na busca da radiância porque às vezes ela está simplesmente diante de nossos olhos, desafiando a nossa indiferença. Por causa dessa indiferença, passa-nos despercebido um universo de maravilhas cuja graça original nos humanizaria. Por que não seríamos enlevados pela leveza do adejar faiscante de uma borboleta amarela

numa tarde límpida, que nos transporta etereamente ao mundo da pureza infantil? Eis aí o sorriso do arco-íris, a fulgurância do crepúsculo, o azul-escuro dos pinheiros ao entardecer, o bando de paturis voando e cantando! Nada se compara ao som da cascata, que derrama suas águas melodiosamente nas reentrâncias da terra. O que somos quando não nos importamos? A atmosfera úmida ou seca, os sons, os sabores, as sensações olfativas e cinestésicas, o conjunto de nossas impressões, que aguçam nossa sensibilidade, dão-nos abertura ao acolhimento da leveza em nosso espaço interno, que se torna levitante de imaterialidade. A ternura do mundo faz sentir que a paz das coisas existe e pode ser alcançada, quando a sutileza e a suavidade estão nelas.

O que se apresenta são propriedades imateriais existentes no próprio mundo. Os canteiros de azaleias-rubis resplandecem como se fossem os únicos seres do Universo. Suas flores concentram uma formidável energia, parecendo espantosamente serenas. A imaterialidade ali contida dispensa todo simulacro, que nos daria somente esboços de formas simplificadas. Para um verdadeiro encontro de nosso ser com essas formas harmônicas, a nossa *détente* interior deve se ajustar à serenidade exterior. A serenidade da contemplação, em atitude de inocência, nunca percebe o mundo repetido, facultando, assim, o desnudamento de um mundo pleno de originalidade. Se a radiância é fugidia, cada momento é irrepetível e fulgurante.

A mente que se desprende de sensorialidade está mais apta à captação da realidade que se manifesta imaterialmente. Disso sempre souberam os espíritos sensíveis de todas as épocas. Eles representaram a radiância do mundo nas artes plásticas, na literatura, na dança e na música, além também da filosofia e de outras formas de comunicação, tratando sobre o impacto de um mundo transformante e que não se detém jamais. Thoreau disse que

a colheita mais verdadeira de minha vida diária é qualquer coisa de inatingível e indescritível como as cores das manhãs e das noites; é um pouco da poeira das estrelas, um segmento do arco-íris que eu arrebatei. (Thoreau, s/d, p. 157)

Esse encontro constitui a matéria-prima da significação e dá sentido espiritual ao relacionamento com o mundo, fazendo deste um lugar imanente de vida. Parece natural o sentimento de o mundo nos pertencer como um objeto qualquer, percebido apenas quando útil ou prático, quando na verdade estamos intimamente relacionados com ele, ou melhor, nós é que pertencemos a ele.

A face radiosa da realidade não se equipara nem tem correspondência com a beleza artificial, cuja aparência enganosa e sem substância só serve para dissipar a angústia. Experimentar a alegria no contato com a natureza difere essencialmente do jogo simbólico e fictício, destinado a escapar da solidão, como apontou Hermann Broch (1982). A beleza criada desse modo natural promete um proveito impudico, que anula o conhecimento e o ato criador, justamente porque retira do ser humano o domínio de si mesmo e o contato com a realidade e com a verdade. Uma arte genuína deve provir do equilíbrio entre o ser e o Universo. Deve representar o contato com a imaterialidade, a partir do contato do artista com seu ser. A beleza, assim, não se dissocia da penetração profunda na realidade, erigindo-se não em sublimação mas em compartilhamento e comunhão. Cada instante de contemplação da beleza constitui um vínculo privilegiado para a construção da humanização.

Não se trata, aqui, de crenças reasseguradoras, mas de assinalamentos à atenção e à experiência. Se a consciência se dilata por meio do vínculo, uma proposta verdadeiramente humanizante só pode propugnar por conhecimento vivencial direto, que cada um

deve realizar a seu modo. É um perjúrio passar pela vida cego às maravilhas que a natureza faz germinar em seu cerne. Por ignorância ou desprezo, os seres humanos continuam destruindo a linguagem viva e o alto refinamento que a natureza alcançou em seu desenvolvimento de bilhões de anos. Ela se comunica conosco em beleza, fragrância e majestade, esperando que nossa profundidade tenha sintonia com a sua. Se temos um destino no Universo, estaremos preparados para as sutis nuances da obra colossal, da qual não nos distinguimos na comunhão primordial?

3. O alcance da harmonia

Estamos mais habituados a pensar na desarmonia do que na harmonia. Grandes pensadores viram no Universo uma obra feita de caos, acaso e desarmonia. Contudo, se podemos nos deter na observação e na experiência, a harmonia ressalta aos olhos. Onde a encontramos? Em primeiro lugar, na constatação das leis universais invariáveis e na regularidade incontestável de infinitos fenômenos da natureza. Nesta, os movimentos incessantes e eternos conduzem os processos que vão do caos à ordem e estabelecem estruturas organizadas. Os fenômenos mantêm relações entre si, promovem sínteses e transformações por influências recíprocas, de modo que se encontra um lugar para cada coisa. Além disso, todos os fenômenos formam complexos e uma verdadeira sinfonia das partes em meio ao conjunto do todo. Para isso, caminham no sentido da superação das contradições. Estamos sempre assistindo ao aparecimento da novidade em emergências criativas. Especialmente, a evolução biológica aponta para a criatividade em níveis crescentes de complexidade. Cada ser vivo em particular ressalta a sua inteireza de ser. Enfim, a criatividade sistêmica do Universo pode desembocar na harmonia,

embora esta nem sempre se realize por haver forças que a impedem, a negam e a destroem.

Todo fenômeno do Universo que demonstra haver obtido a condição de realização da harmonia passa a oferecer uma admiração e um fascínio que nos instiga a um mergulho em seu refinamento e em sua compreensão. O atingimento da harmonia, especialmente na natureza, traz um apelo íntimo à vivência e à participação na grandeza, na surpresa, no enigma e no mistério que nos envolve. Somos impactados em nossa admiração pela linguagem espantosa de um mundo que se revela harmonioso, tanto em suas grandes linhas estruturais quanto em seus aspectos mais ínfimos. Nossa ciência, nossa arte, nossa literatura e nossa filosofia convergem para a representação de uma realidade ao mesmo tempo estética e imaterial. Uma realidade que dá sentido à nossa relação com o Universo, pelo qual passamos a nutrir gratidão e amor.

Aos gregos da antiguidade clássica não era indiferente a harmonia do cosmo. Este era em princípio ordenado, eterno e perfeito, sendo inspirador de harmonia nas relações do ser humano consigo e nas relações humanas em geral. Para eles, os princípios unificadores da harmonia achavam-se presentes na regularidade das leis cósmicas e, particularmente, nas manifestações dos movimentos celestes, conforme Platão apontou no *Timeu*. A regularidade, o equilíbrio, a simetria e a ordem existiam, também, no chamado “mundo sublunar”, ou seja, nos aspectos visíveis e invisíveis da realidade terrestre, submetida às leis naturais. Na esfera terrestre, os seres humanos deveriam se conformar aos desígnios celestes, sob pena de punição em caso de transgressão. O domínio dos princípios harmoniosos, sendo equitativo e justo, era um convite à contemplação e constituía os fundamentos éticos (Papaioannou, 1983). A harmonia que se encontra na arte da Grécia clássica, em especial na escultura e na arquitetura, deve-se sobretudo a esses princípios.

Outra civilização que colocou a harmonia no centro da compreensão e da significação do mundo foi a civilização chinesa clássica. Se no Ocidente alguns sábios, como Copérnico, Newton e Einstein, fizeram da harmonia do Universo uma referência fundamental para as suas teorias, na China clássica essa era uma concepção abrangente, que envolvia não só os letrados, mas a cultura e a sociedade de modo geral. A harmonia era para eles um ordenador central, sendo considerada uma propriedade dos fenômenos naturais e, também, do todo. Na verdade, os chineses do passado não se dissociavam de uma visão sistêmica e integradora do mundo, fossem eles taoístas, confucionistas ou budistas. Foram eles que mais se aproximaram da noção de natureza como força imanente em si mesma harmoniosa. Isso era para eles algo absolutamente natural e espontâneo, existindo independentemente de uma causa externa. A natureza exprimia-se por ritmos ou vibrações vitais, que se davam pelo fluxo espontâneo da ordem harmoniosa. Era alguma coisa bastante sutil, que se espalhava por tudo, movimentando o todo orgânico do Universo e unificando suas partes. Ao sentido rítmico da organicidade da natureza, os chineses deram o nome de *qi*, o sopro. Racionero (1993) disse que, nessa concepção de mundo, conjugavam-se as hierarquias das partes de tudo em influências mútuas nas quais ora um, ora outro componente assumia a liderança. Mas, de modo geral, a harmonia era uma função reguladora por excelência, que mantinha o Universo em ordem e em atividade. Descobrir a manifestação harmoniosa em cada situação e seguir seus passos era a incumbência do sábio e de toda pessoa dotada de sensibilidade. Não se tratava apenas de um sentido ético, e sim de um estilo de vida, que conduzia à tranquilidade interior. Se a ordem natural das coisas fosse seguida, a harmonia interior teria condições de vingar. O ser humano não era visto como separado do todo e, portanto, não deveria agir em desconformidade com essa ordem natural.

Se na Grécia e na China a harmonia chegou a ser um valor supremo e intrínseco, não significa que em outros tempos e lugares

ela não tenha sido também salientada. O destaque dado a essas civilizações está em que, nelas, a relevância da harmonia constituiu uma manifestação incondicional e quase pura. E isso remete à constatação de que a descrição da harmonia corresponde à captação do significado imaterial do mundo real.

Não é surpreendente verificar que a natureza, a vida e o Universo encontram soluções harmoniosas para os seus processos? Certamente, no bojo desses processos emergem manifestações estéticas. Se a realidade profunda se revela esteticamente, isso se deve à condição de atingimento da harmonia. Nas imagens profundas que representam a harmonia, surge naturalmente um sentido estético, que corresponde à nossa forma de apreensão, embora a harmonia esteja lá como um dado objetivo, originário de sua própria organização.

Nesse contexto, pode-se indagar qual é o lugar da desarmonia. Qualquer que seja a perspectiva, a desarmonia não está excluída. As forças contrárias à harmonia são extremamente poderosas, atuantes e eficazes, de modo que o Universo, tomado tanto globalmente quanto em suas partes, está repleto de desarmonia. Ou melhor, as dinâmicas destrutivas e construtivas têm funções complementares, que implicam ordem e desordem, organização e caos, harmonia e desarmonia. Essas dinâmicas são, portanto, um resultado bem-sucedido da legalidade das coisas, mas chegar a ela depende de trilhar um caminho em nada trivial. A contradição, o insucesso, a corrupção, a degradação, o desfazimento, o aniquilamento e a morte são condições e fantasmas onipresentes, que rondam a constituição do mundo e têm o poder de dissolver toda perfeição. Fazem parte de um movimento infinito, do qual emerge a harmonia, se as condições o permitirem. Mas sua ocorrência é uma conquista da ordem fenomênica, e nunca se poderia afirmar que irá se manter, ainda que as probabilidades pendam grandemente a seu favor. O que temos dela, então, não são mais do que os sucessos das realizações criativas, que podem durar segundos ou bilhões de anos.

Seja como for, subsiste a harmonia que se descobre nas transformações e na dialética da realidade. A ordem harmoniosa permanece, apesar das dissonâncias e em íntima conexão com elas. A harmonia decorre de suas próprias evoluções, no alcance de suas realizações. Na natureza, cada ser vivo tende a exprimir sua plenitude, da forma mais apropriada possível, a despeito de toda oposição, toda deterioração e toda destruição. No processo infinito das transformações, alguma coisa se equilibra no tempo, dando condições de estabilidade e constância, mesmo que essas sejam relativas, sendo depois consumidas na inexorabilidade das transformações. Aquilo que se instala, porém, como os princípios estabilizadores das leis físicas, pode resultar em harmonia e esplendor em culminâncias imateriais. Assim, a obra de construção prossegue incansavelmente, sendo confortador pensar que, no Universo, permanece um superávit de construtividade e, no conjunto, a obra realizada é consequência da superação da destrutividade e do caos.

Se o Universo está sendo construído com infatigável persistência, segundo leis que vão se cumprindo desde o princípio, há uma base e um lastro nessas leis, mediante as quais tudo se dispõe, se ordena e se organiza. Porém, a versatilidade dos elementos que se constituem por acaso tem inegavelmente sua imensa importância. O Universo é uma composição da ordem com o acaso, que concede liberdade dentro da estruturação, criando maleabilidades. Isso define o papel do acaso e o papel da necessidade. Os princípios criativos deixam por conta dos seres particulares o destino de si mesmos, mas estes necessitam obedecer às leis regulares que os fazem existir, manter-se e evoluir. Assim, eles tomam certas direções e não outras, seja como indivíduos, seja como espécies. Essas direções respondem pela liberdade criativa. Mesmo na repetição, é possível haver diferenciação e criação da novidade. Na diversidade, o princípio de vida salva a natureza de ser cega e desprovida de sentido, permitindo-lhe criar incessantemente e dirigir-se à

realização da melhor forma possível. O resultado é uma magnífica conjuntura, que chamamos de realidade.

Então, é incontestável que opera no Universo a tendência à organização. São leis e princípios que trabalham para vencer as forças contrárias da inércia, da destruição e do caos, estando a serviço das aspirações da vida. Assim, o todo caminha não para o nada, mas para a existência, traduzindo-se na ordem suntuosa dos fenômenos inorgânicos, orgânicos e psíquicos. Em consequência, a harmonia tende a se instalar nas culminâncias da organização que se realiza. As condições existentes em cada situação determinam formas particulares de organização e, por conseguinte, de harmonia. A organização e a síntese harmoniosa parecem ser a resposta encontrada pelo Universo para manifestar um alto grau de desempenho em seus processos.

Nesses processos, há forças concorrendo para o alcance da melhor forma possível. Isso significa não apenas satisfazer a boa forma, como atingir culminâncias de realização se determinadas condições forem preenchidas para cada caso. Se cada parte depende da organização do todo – sendo esse um princípio gestáltico –, a ordem é conduzida por leis naturais de organização do campo. Tomando-se por base e estendendo-se à aplicação da lei gestáltica de *prägnanz*, apresentada por Wertheimer, é possível conceber a harmonia como forma característica que a organização alcança em face das melhores condições reinantes possíveis.

Se há superação, ainda que momentânea, das forças caóticas e destrutivas, em favor das forças propulsoras da criação e da organização – sob a tendência de máxima redução das desarmonias –, é nos seres vivos em geral que se descortinam com maior clareza as tentativas da natureza de eliminar as dissonâncias, em vista da obtenção da melhor forma possível. Nos seres vivos, confundem-se numa unidade vida e ser. Embora a vida seja dada em princípio, ela se organiza e se mantém como ser na luta contra os “fenômenos

inferiores” que a negam, a obstruem e a eliminam, para empregar uma expressão de Schopenhauer. O que é organizado e mantido, porém, não constitui ordem diferente da ordem do ser.

Há leis que sustentam a realização do ser como tal e impulsionam suas aspirações em direção à realização do que ele é.¹ Contra a desorganização do ser, a natureza oferece condições exteriores e interiores de superação das faltas, carências e vicissitudes em prol da realização da inteireza do ser, vencendo, mesmo que em parte, a incompletude. Isso porque o ser traz intrinsecamente a necessidade de completude. A aspiração do ser, que é aspiração à realização da melhor forma possível, corresponde à obtenção da ordem interna, à discriminação do ser ante o não ser, à integração das partes no conjunto e à expressão mais apropriada da vida. Isso significa que a natureza, na invenção da vida, cria sistemas básicos de organização centralizados na vida do ser e, desde esse fator central, é possível manter, coordenar e sintetizar as aspirações, algo fundamental para a existência individual e da espécie.

Alcançar a realização do ser em inteireza corresponde a atingir a plenitude do ser. Se a harmonia consiste na realização do que ele intrinsecamente é, quando isso acontece, o que comumente se encontra é a reunião das forças e componentes por meio de coesão, consonância das partes, regularização dos contrastes, síntese dos opostos, unificação no todo e expressão plena da vida. Para nossa surpresa, ao mergulharmos na sua apreensão, deparamo-nos com a fulgurância irradiada pela harmonia. O ser em plena manifestação é harmonioso em si mesmo. Nós o encontramos não pela *ideia*, no sentido platônico, mas pela exuberância criativa.

Desse modo, surge a imaterialidade como energia livre que recende das coisas. Em suas reentrâncias, o mundo concentra formas

1 O termo aspiração é empregado no sentido que tem para Morin (2017).

puras de existência, revelando-se à percepção e à compreensão humanas. Não se trata da beleza aparente na superfície das coisas, e sim de sua significação profunda e imaterial. Com base nisso, podemos melhor interpretar o que disse, no século V a. C., Heráclito de Éfeso (1964, p. 77): “A harmonia invisível tem mais valor do que a visível”. Em sua visibilidade sensorial, a beleza aparente não se compara em valor com a harmonia não sensorial, cujo significado é imaterial.



O contato da pessoa com seu próprio ser determina experiências genuínas, profundas e fundamentais, que podem levar à harmonização dos relacionamentos com os mundos interno e externo. A realidade tende a se mostrar como é, em função da limpidez que se instala no *self*. Se as dificuldades, os conflitos e os comprometimentos psíquicos são suficientemente superados, um “mundo novo” pode se revelar à consciência. Na abertura à experiência, a realidade externa manifesta sua face radiosa. Nesse contexto, formas, cores, movimentos, brilhos e toda relação significativa com o mundo ressaltam-se imaterialmente em expressões de vida, abrangência, harmonia, transfiguração, totalidade, atemporalidade, primordialidade, infinitude e mistério, entre outros aspectos. A passagem da mente ao nível das experiências amplificadas é uma das mais fascinantes propriedades da evolução humana. Não são, porém, de experiências místicas ou não naturais. Este livro descreve explorações e descobertas no plano do mundo real, apontando suas confluências surpreendentes.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-672-2

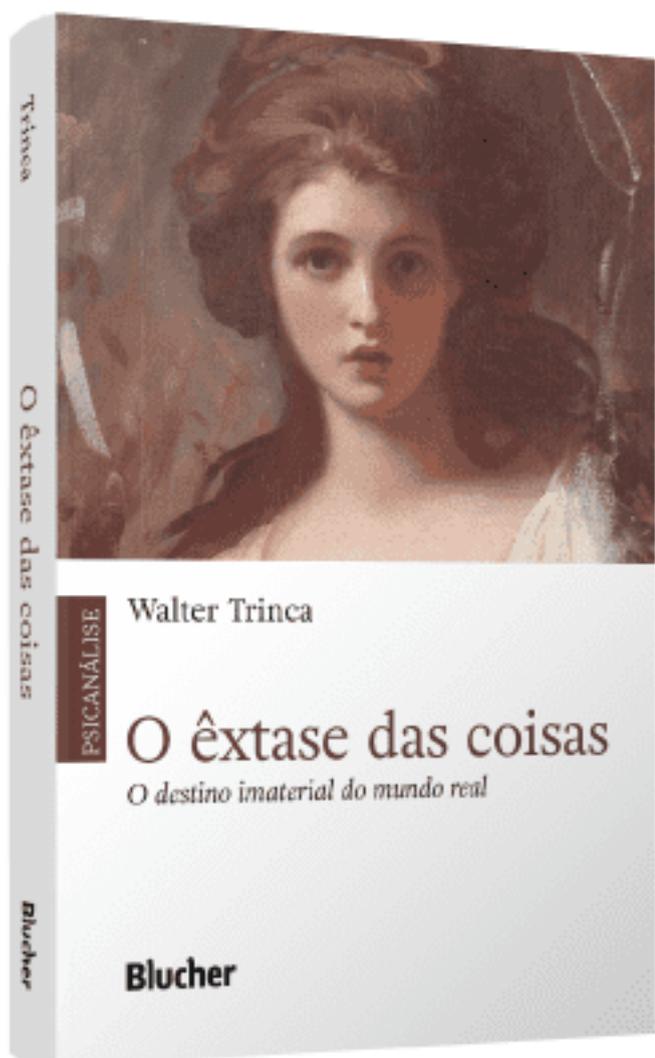


9 786555 106672 2



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

O êxtase das coisas

O destino imaterial do mundo real

Walter Trinca

ISBN: 9786555066722

Páginas: 264

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
